

# As estruturas elementares do parentesco – O problema do incesto

As Estruturas Elementares do Parentesco (Claude Lévi-Strauss)

## Capítulo II - O problema do incesto

Esta é a hipótese de LS no que se refere à razão pela qual a “regra universal” incide justamente sobre a sexualidade: “...a vida sexual é, no íntimo (outra tradução errada: o certo é “no âmbito”) da natureza um prenúncio de vida social, porque, dentre todos os instintos, o sexual é o único que para se definir necessita do estímulo de outrem”.-

*“A regra do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura e em certo sentido – conforme tentaremos demonstrar – é a própria cultura”. “Em vez de explicar esta ambiguidade, os sociólogos preocuparam-se quase exclusivamente em reduzi-la”.-*

A seguir, Lévi-Strauss faz o inventário das hipóteses vigentes nas ciências sociais para explicar a proibição do incesto.

1ª hipótese: “...uma reflexão social sobre um fenômeno natural”. (Lewis Morgan e Henry Maine). A regra teria por finalidade evitar os resultados deletérios das uniões consanguíneas.

Críticas de LS a essa hipótese:

a) Até o século XVI ninguém teria aferido a correlação, que é apenas levemente mais alta, entre descendência defeituosa e uniões consanguíneas.

b) Por outro lado, desde o paleolítico o homem teria promovido uniões endogamas de plantas e animais para fins de produtividade: nesse caso, a “consangüinidade” teria tido um efeito positivo; nada mais lógico que se extrapolasse a mesma lógica para as uniões humanas; entretanto, isso nunca aconteceu. Mais ainda, entre os próprios animais, em estado natural, não há nenhum impedimento a cópulas entre “pais” e “filhos” ou “irmãos”, sem que isso “deteriore” a espécie.

c) Além disso, nas normas conjugais das populações ditas primitivas, frequentemente o casamento entre primos paralelos (isto é, filhos de irmãos do mesmo sexo) são proibidas, enquanto o casamento entre primos cruzados (isto é, filhos de irmãos de sexos diferentes) são preconizados, embora o grau de consangüinidade seja evidentemente idêntico em ambos os casos.

d) Por outro lado, as uniões endogâmicas poderiam ter uma consequência positiva do ponto de vista genético, pois eliminariam os gens deletérios. (Isto é, ou “acabaria” a humanidade, se o número desses gens fosse muito elevado, ou, caso contrário, haveria eugenia, ou seja, otimização genética da espécie).

e) Mas a objeção mais importante é que “...a humanidade primitiva não se encontrava em uma situação demográfica tal que fosse capaz mesmo de recolher os dados do problema”.

Isto é: o número de membros de um clã “primitivo” é muito pequeno para que, estatisticamente, a maior probabilidade de uma progênie defeituosa pudesse ser detectada.

2ª hipótese: “Um horror instintivo ao incesto. Por uma espécie de atavismo biológico ou psicológico (ou bio-psicológico), o ser humano teria um sentimento de repulsa pelo incesto. Atavismo biológico: o atavismo em questão seria um mecanismo que beneficiaria a espécie por evitar descendência deletéria. Atavismo Psicológico: a convivência, desde a infância, entre familiares, produziria a falta de atração.

Críticas de Lévi-Strauss ao atavismo biológico: “*Ora, o fato do pretense horror do incesto não poder ser derivado de uma fonte instintiva está suficientemente estabelecido pela verificação de que se manifesta apenas por ocasião de um conhecimento suposto (...) da relação de parentesco entre os culpados*”.

Ao atavismo psicológico: A psicanálise já teria estabelecido suficientemente que, longe de ser inibido pelo longo período de convivência, o desejo sexual, pelo contrário, seria despertado justamente em decorrência desse fator...

3ª hipótese: Ênfase no social e no histórico. Durkheim supõe que a proibição do incesto deriva de uma prática comum entre os primitivos, a de isolar as mulheres no período menstrual, costume por sua vez derivado de uma crença da consubstancialidade entre o membro do clã e seu totem: “*É a observação das sociedades australianas, consideradas como ilustração de um tipo primitivo de organização outrora comum a todas as sociedades humanas, que fornece, segundo Durkheim, a solução do problema do incesto. A vida religiosa dessas sociedades, conforme se sabe, é dominada por crenças que afirmam a identidade substancial entre o clã e o totem epônimo[1]. A crença na identidade substancial explica as proibições especiais que afetam o sangue, considerado como o símbolo sagrado e a origem da comunidade mágico-biológica que une os membros de um mesmo clã. Este temor do sangue clânico é particularmente intenso no caso do sangue menstrual, e explica por que na maioria das sociedades primitivas as mulheres são, primeiramente por ocasião das regras, e depois de maneira mais geral, objeto de crenças mágicas e marcadas por proibições especiais. Os interditos referentes às mulheres e à sua segregação, tal como se exprime na regra da exogamia, não seriam portanto senão a repercussão longínqua de crenças religiosas (...) que se transformam, sob a influência da aproximação que se estabelece, no espírito dos homens, entre o sangue e o sexo feminino*”. Assim, a proibição de alimentar-se do totem do clã estender-se-ia a outro eventual tipo de contato, desta vez sexual, com o sangue de uma mulher do próprio clã.

A crítica de Lévi-Strauss: não se poderia explicar uma regra universal, aliás a única regra universal, por costumes particulares de certas culturas, costumes que por sua vez são objeto de uma hipótese incomprovável quanto à sua origem. (Além disso, para impedir o contato com o sangue de mulheres do mesmo clã, bastaria o referido isolamento das mulheres durante o período menstrual... E ainda: o horror em questão está longe de ser a norma. Por exemplo, os jovens winnebago aproveitariam esse período de isolamento para ir ao encontro das namoradas...)

---

A essas hipóteses da “deliberação consciente”, do “horror atávico biológico/psicológico” e finalmente do fator “histórico” (extensão de uma crença religiosa, por sua vez

inexplicável, à vida sexual), acrescenta-se uma variante possível (hipótese histórica), a suposição de que a exogamia resultaria do costume de tomar como esposas as mulheres dos grupos rivais vencidos nas guerras, também criticada por Lévi-Strauss devido a seu caráter contingencial. Como aquilo que é contingente, se pergunta ele, poderia explicar algo que é universal?

Após o exame das hipóteses referidas, Lévi-Strauss expõe as bases da sua própria hipótese, não sem antes criticar a sociologia por não admitir “*que seus métodos são inadequados*” na medida em que “*não permitem abordar um problema de tal importância*”.-

A sua crítica incide principalmente sobre a delegação, à biologia e à psicologia, da tarefa de entender algo que é fundamentalmente de natureza social. “*Mas a proibição do incesto representaria o único caso em que se exigiria das ciências naturais que explicassem a existência de uma regra sancionada pela autoridade dos homens*”.-[2]

(Esse comentário mostra que LS parece considerar a psicologia como uma ciência natural...)

A análise de Lévi-Strauss impugna portanto as explicações baseadas

- 1) na deliberação racional,
- 2) no atavismo, biológico ou psicológico,
- 3) em crenças derivadas do totemismo ou
- 4) em práticas culturais derivadas de crenças religiosas ou conseqüentes a conflitos bélicos.

A seguir, apresenta sua hipótese: “*A origem (da noção) do incesto não é puramente cultural nem puramente natural, e também não é uma dosagem de elementos variados tomados de empréstimo parcialmente à natureza e parcialmente à cultura. Constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura*” [3].

A proibição do incesto, para Lévi-Strauss, não sendo fruto da deliberação racional (consciente), nem motivada por mecanismos biológicos (repulsa “natural”), psicológicos (falta de atração em virtude da convivência), religiosos (proibição relativa ao sangue menstrual), histórica (casamento exogâmico com as mulheres capturadas, posteriormente consagrado como costume mesmo na ausência de conflitos), refere algo da ordem de uma determinação inconsciente.

Lévi-Strauss é assim o primeiro cientista social que toma o conceito de inconsciente como determinante para compreender uma regra considerada essencial à existência da cultura.

Daí a sua universalidade (não depende da deliberação consciente, sempre variada) e a sua lógica: o casamento exogâmico constituiria, para Lévi-Strauss, a única base sólida para a convivência entre os grupos humanos.

A compreensão desse argumento exige a seguinte explicação, de “teor freudiano”: a sexualidade, no ser humano, teria passado do âmbito da necessidade (de reproduzir a espécie) para a circunscrição do desejo (prazer). O mesmo teria acontecido com a

agressividade, que teria passado do âmbito da necessidade de lutar pela sobrevivência, para transformar-se em algo da ordem do prazer.

Tanto a sexualidade como a agressividade humanas colocariam em risco a sobrevivência da espécie, criando situações de rivalidade e beligerância no interior do clã (família extensa) e entre os clãs.

Teríamos então as séries opostas:

(No animal não humano).

1) Reflexo incondicionado (ou instinto) → necessidade → objeto determinado → comportamento determinado → saciação (ou não saciação).

(No animal humano, ser de linguagem).

2) Pulsão → desejo → objeto indeterminado → comportamento indeterminado → prazer/desprazer.

No ser humano, a sexualidade, tendo passado do regime da necessidade para o regime do desejo, ter-se-ia transformado em comportamento permanente, não regido pelo cio, tornando-se independente da finalidade de reproduzir a espécie.

O contato sexual endogâmico não teria como ser controlado; o desejo sexual, no interior do grupo, se expressaria pela lei do mais forte[4].

O casamento fora do grupo implica no reconhecimento de regras relativas ao intercâmbio (comércio, cooperação, solidariedade). Não haveria a prevalência da lei do mais forte no interior de um grupo (clã), e o risco permanente de conflito entre clãs diferentes seria minimizado pelas alianças matrimoniais.

Caso contrário, e do ponto de vista da sociedade, o estado de beligerância entre grupos humanos seria permanente (Lévi-Strauss).

Do ponto de vista do sujeito, o perigo acarretado pela não separação psicológica dos filhos em relação aos protagonistas do campo desejante seria a não construção da própria identidade. (Freud/Lacan).

(Ou seja, para a psicanálise, o termo 'incesto' não refere um comportamento sexual entre consanguíneos. A sua conotação é psicológica e suas manifestações seriam o autismo e a psicose, isto é, a não separação entre as figuras parentais, aqueles que desempenham a função desejante [geralmente designada pela expressão "função materna"] e a função normativa (geralmente designada pela expressão "função paterna") perante o próprio infans e/ou a criança na posição de sujeito, isto é, após aquisição da linguagem).

---

[1] Ou seja, que deu seu nome ao clã.

-[2] Aqui é interessante notar que a psicanálise estuda as razões psicológicas da proibição do incesto. No caso, a impossibilidade de constituir a própria identidade. Ou seja, a psicanálise trata do incesto enquanto fenômeno que metaforiza a simbiose (impossibilidade de separação entre a figura desejante e seu objeto de desejo, o bebê). O efeito desse incesto -concebido portanto como metáfora da impossibilidade da separação- será a psicose. Para Lévi-Strauss, uma sociedade é por definição exogâmica (seus membros se casam “fora” da família). O oposto (endogamia) seria tão impossível quanto a existência de um indivíduo isolado (um ermitão, que não daria continuidade à existência humana). A função da proibição do incesto, em termos sociais, é promover a comunicação entre os clãs através do casamento, dando lugar à cooperação e ao crescimento da unidade social.

[3] Ênfase minha (FG).-

[4] Uma ilustração das consequências da endogamia poderia ser dada pelos casos de estupro incestuoso praticados por pais, padrastos, irmãos; a descrição do que seria a vida familiar nessas condições permitiria entender tanto a hipótese de Lévi-Strauss como a de Freud a respeito das consequências de um regime endogâmico. Essas consequências são de ordem psicológico/social e não biológicas.

---

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)